

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA WEGNER

**ELAS E ELE: WEBSÉRIE SOBRE LIDERANÇAS FEMININAS NO
PROTESTANTISMO**

CURITIBA

2018

GABRIELA WEGNER

**ELAS E ELE: WEBSÉRIE SOBRE LIDERANÇAS FEMININAS NO
PROTESTANTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Valquíria Michela John

CURITIBA

2018

AGRADECIMENTOS

Ao autor e consumidor da minha fé, que em tudo e até aqui me sustentou. Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas!

Aos meus pais, **Simone e Paulo Wegner**, meus primeiros e principais incentivadores, que me instruíram e me apoiaram desde os anos primários até a faculdade. Vocês são minhas bases e principais referências de vida. Essa vitória é minha, mas, antes, é de vocês.

Ao meu namorado e amigo, **Mateus Arruda**. Você sempre me apoiou, me incentivou e esteve ao meu lado, ouvindo meus choros e os medos de não dar certo. Obrigada por sempre acreditar em mim.

Aos meus líderes, **Carina e Israel Stedile e Luciano Prado**, que mantiveram as portas abertas para questionamentos e permitiram o meu crescimento como cristã mesmo com tantas dúvidas geradas pela faculdade.

Aos meus amigos que me acompanharam durante todo o tempo, me incentivando, ouvindo meus desabafos e desespero. Em especial a **Verônica Martins**, todos os cafés e desabafos tornaram esse período mais leve. Te amo, amiga.

A todas as mulheres fortes da minha família, que sempre foram exemplo de determinação e luta por seus objetivos. Vó **Rose**, Vó **Inês**, e as tias **Jaqueline, Cláudia, Ana Wegner (Kity)**.

A todas as mulheres que são resistência dentro das igrejas, colocando-se à disposição do serviço de Deus e ocupando lugares de liderança. Em especial às minhas entrevistadas, **Evelyne R. Goebel, Priscila R. Madeira e Terezinha Meirelles**.

A minha orientadora que desde o começo acreditou no meu trabalho e me tranquilizou nos momentos de desespero. **Prof. Valquíria**, você é uma mulher incrível e inspiradora... E foi uma das responsáveis por eu não pirar no último semestre! Obrigada.

“Jesus deu voz e vez às mulheres. As mulheres estão com Jesus no seu nascimento, as mulheres estão com Jesus na vida da sua própria mãe, Maria. As mulheres estão com Jesus no seu caminhar, no seu pregar, no seu anunciar. As mulheres estão com Jesus no transe de morte, na crucificação. As mulheres estão com Jesus na sua ressurreição. E a elas, Ele diz: vão, e contem aos outros aquilo que vocês viram. As mulheres estavam com Jesus e as mulheres continuam com Jesus, e a estas Ele diz: vai e anuncia.”

(Pastora Terezinha Meirelles)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo representar e visibilizar mulheres que possuem cargos de destaque ou liderança nas igrejas protestantes de Curitiba e região metropolitana. Com uma história de mais de 400 anos em território brasileiro, o protestantismo possui poucos documentos a respeito das mulheres em sua história, apesar de tê-las como participantes de extrema importância. A partir disso, a ideia do trabalho é representar as lideranças atuais por meio de uma série de documentários curtos que apresentam perfis de mulheres que ocupam os espaços de fé em posição de liderança ou cargos de visibilidade, a fim de criar material histórico e jornalístico que possa representar as mulheres no ambiente religioso de forma não estereotipada, dando a elas voz e espaço de fala.

Palavras-chave: Gênero; Jornalismo; Liderança feminina; Protestantismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetivos	8
1.1.1 Objetivo Geral	8
1.1.2 Objetivos Específicos	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 História do Cristianismo	11
2.2 Reforma Protestante	14
2.3 Subdivisões do Protestantismo no Brasil	16
2.4 Mulheres no Protestantismo	19
3 METODOLOGIA	23
3.1 Documentário	23
3.2 Procedimentos para a realização do produto	24
3.3 A execução da websérie	25
3.4 Equipamentos utilizados	26
3.5 Edição	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Em 31 de outubro de 1517 o padre alemão Martinho Lutero (1483-1546) publicou, na Alemanha, um manifesto com 95 teses em que criticava diversas doutrinas, procedimentos e condutas tomadas pela Igreja Católica, que mantinha a hegemonia do cristianismo até então. Entre os pensamentos apresentados, Lutero pregava que somente a fé em Deus salvava as pessoas, defendia o acesso direto a Deus e também a livre interpretação da Bíblia, contradizendo algumas das doutrinas católicas.

Lutero foi ameaçado de condenação por heresia e, por não voltar atrás em suas teses, foi excomungado da Igreja Católica pelo Papa Leão X. Por ser um “protesto” em relação ao catolicismo, o movimento iniciado por Lutero ficou conhecido como “Reforma Protestante” e se difundiu rapidamente entre países como França, Inglaterra e Escócia.

No Brasil, o movimento protestante surgiu entre os séculos 16 e 17, quando colonizadores franceses e holandeses chegaram ao país com ideais protestantes. O primeiro culto protestante da história do Brasil foi realizado em 10 de março de 1577, liderado pelos pastores franceses Pierre Richier e Guillaume Chartier (MATOS, 2011). Porém, um dos grandes nomes do protestantismo no Brasil foi o de João Maurício de Nassau-Siegen, religioso que governou a cidade de Recife de 1637 a 1644 e, entre seus feitos, concedeu medidas de liberdade religiosa para os habitantes católicos e judeus do Brasil dominado pelos holandeses, segundo Boxer (1961, p. 174): “Pode se afirmar que durante os anos de governo de João Maurício a liberdade religiosa de que gozava o Brasil neerlandês era maior do que a existente em qualquer parte do mundo ocidental”.

Com uma história de mais de 400 anos em território brasileiro, o protestantismo em nossas terras, bem como na maior parte do mundo, possui um rosto masculino. Pastores, bispos, missionários e evangelistas são ressaltados e honrados nos diversos livros acerca de tudo o que aqui foi vivido. Ainda hoje, o protestantismo e a leitura da Bíblia - o livro sagrado das religiões cristãs - trazem

interpretações com viés machista a respeito do papel da mulher, dentro e fora das igrejas.

Os livros sobre o protestantismo brasileiro, em sua maioria, trazem poucas referências a mulheres. [...] A história da mulher brasileira é caracterizada pelo patriarcalismo que, endossado pela religião cristã ocidental, exigia que as mulheres permanecessem caladas. (ALMEIDA, 2014, p.25)

A representação feminina dentro das igrejas cristãs costuma ser o da mulher “submissa” e “auxiliadora”: características ressaltadas e tidas como modelo ideal. Por este motivo, a figura feminina dentro do ambiente religioso acabou sendo colocada como inferior e até foi excluída do sacerdócio e dos papéis de liderança.

Na história do protestantismo, foram muitas as mulheres que estiveram presentes e participaram ativamente da construção das Igrejas Protestantes, mas poucas possuem tiveram seus nomes citados nos livros e na história.

Atualmente, apesar da possibilidade de fala das mulheres em muitas igrejas cristãs, ainda há pouco ou nenhum espaço para mulheres ocuparem cargos de visibilidade, liderança ou sacerdócio. Para isso, e tentando evitar os erros de documentação que aconteceram no passado, anulando as mulheres, buscamos, com este trabalho, dar espaço de fala e voz a mulheres que possuem cargos de destaque ou liderança dentro das igrejas, a fim de dar visibilidade, representatividade e voz, apresentando-as de modo não estereotipado e mostrando a face feminina do sacerdócio.

No contexto atual, não é difícil perceber a diferença dos espaços ocupados por homens e mulheres nas comunidades religiosas: enquanto homens ocupam lugares de liderança, cargos de visibilidade e espaços de fala, as mulheres são sempre representadas como “esposas”, “mães” e possuem acesso majoritariamente a ministérios com crianças, na limpeza, nos serviços gerais ou na cozinha.

Vindo de uma raiz histórica, o cenário de mulheres na atuação de liderança ou sacerdócio ainda é muito pequeno e, por esse motivo, o objetivo deste trabalho é representar mulheres que ocupem cargos de destaque, a fim de quebrar estereótipos de que mulheres só podem trabalhar em cargos ou ministérios que “representem o gênero feminino”, adequados ao contexto da submissão e da feminilidade.

Por ser um espaço predominantemente masculino, acredito que representar essas mulheres, lhes permitindo falar sobre sua trajetória e ministério, dará espaço

para que sejam quebrados preconceitos a respeito do sacerdócio feminino, estimulando outras mulheres a acreditarem que são capazes de tomar esses espaços.

Neste contexto, proponho a realização de uma série documental com o propósito de responder ao seguinte questionamento: Quais os perfis das mulheres que ocupam cargo de visibilidade ou liderança nas igrejas protestantes de Curitiba e região metropolitana?

A websérie será dividida em episódio de curta duração, com cerca de 5 minutos cada, que apresentam a vida das mulheres entrevistadas pela ótica delas próprias. Para Zandonade e Fagundes (2003, p. 15): “O vídeo documentário se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira mais ampla e pela sua extensão interpretativa”.

Dessa forma, pretendo trabalhar a realidade das mulheres que atuam nas igrejas protestantes, a fim de mostrar suas dificuldades, alegrias e propósitos por seguirem este caminho.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Apresentar perfis de mulheres que exercem cargos de liderança ou de visibilidade nas igrejas protestantes de Curitiba e região metropolitana, buscando entender suas dificuldades, anseios, motivações e propósitos em relação ao ministério, e entender os seus pensamentos a respeito do sacerdócio feminino e do papel da mulher nas igrejas protestantes.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Produzir mini-documentários visando a representatividade de mulheres religiosas;
- b) Dar visibilidade às mulheres que possuem papel de destaque dentro do ambiente religioso protestante;
- c) Evidenciar as dificuldades enfrentadas por essas mulheres;
- d) Discutir o papel da mulher como líder nas igrejas protestantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Fischer (2001, p. 590) , “a mídia é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças”, e, com base no poder que acreditamos que a mídia exerce, buscamos com este trabalho criar uma “contracultura” da mídia que mostra mulheres cristãs como silenciadas e submissas, trazendo ao palco mulheres que são líderes e possuem voz no ambiente religioso, a fim de produzir a inclusão dessas mulheres no debate e também no imaginário de outras mulheres.

Almeida (2014) cita a falta de menções das mulheres na história da reforma religiosa e diz que, apesar de relevante, a participação feminina no movimento da reforma foi diferente da participação masculina. Com tantos dados históricos que deixam de lado as mulheres protestantes e as reformistas, é clara a falta que faz a representação e a visibilidade das mulheres na história das religiões. Para isso, este trabalho apresenta uma de suas importâncias, focando tanto nas questões jornalísticas, quanto em questões de gênero.

Fruto de uma sociedade patriarcal, o papel da mulher nas igrejas, assim como na sociedade, sempre foi visto como o de “auxiliadora”, muitas vezes respaldado biblicamente, como no livro de Gênesis, no capítulo 2, versículo 18: “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea.” (Alameda Corrigida Fiel).

No Novo Testamento encontramos também textos que versam a respeito da submissão da esposa ao seu marido, como no livro de Efésios, capítulo 5, versículos 22 e 23:

Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. (ACF)

Há também versículos que abordam o fato das mulheres se posicionarem na igreja:

A mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão; salvar-

se-á, todavia, dando à luz filhos, se permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação. (1 Timóteo 2.11-14 – ACF)

[...] as mulheres estejam caladas nas igrejas; porque lhes não é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja. (1 Coríntios 14.34-36 – ACF)

Por esse caráter histórico e social que rege as relações dentro das igrejas, há uma forte presença masculina nos cargos de liderança, no sacerdócio – onde muitas vezes não há a presença de mulheres - e nos espaços de tomada de decisões. Em seu livro “A Mulher na Igreja e na Política”, Maria Isabel da Cruz afirma:

O fato de constantemente reafirmar que o homem nasceu primeiro e a mulher foi tirada da costela de Adão, que foi ela quem levou Adão a pecar e que Jesus só escolheu os homens para seus discípulos, pode sugerir que essas passagens bíblicas, sem levar em conta o contexto e as simbologias, mantêm a mulher submissa, subserviente e dominada. [...]. (2013, p. 65).

A autora ainda ressalta:

Fica evidente que a Igreja também contribuiu, ao longo de sua história, para manter as mulheres fora dos espaços de poder. Ao reforçar que devemos evitar os conflitos, devemos ser dóceis, responsáveis pela vida, pensar ou agir em nome da unidade, a Igreja reproduz a Ideologia dominante. Ela mantém, de forma bem sutil, a dominação do homem sobre a mulher. E com o intuito de justificar essa dominação, confere “poder” somente aos homens. (2013, p. 65)

Apesar de o número de mulheres dentro das religiões ser bastante expressivo - em 2010, segundo o Censo do IBGE, as pessoas de sexo feminino representavam 51,03% dos fiéis – esse silenciamento persiste, fazendo com que os antigos dogmas e paradigmas a respeito das mulheres continuem não sendo questionados e persistam regendo as relações hierárquicas. Para Raewyn Connell e Rebecca Pearse:

A maioria das igrejas e mesquitas é gerida exclusivamente por homens, o que é parte de um padrão mais amplo. [...] Não apenas a maioria das religiões impede as mulheres de ocuparem posições importantes na sua gestão, como também as enxergam como causadoras de estragos na vida dos homens. (2015, p. 42)

Em relação à Igreja Católica, mas num contexto que se aplica a toda a comunidade cristã, Cruz (2013) afirma que não basta as mulheres apenas estarem nos lugares de poder, mas precisam propor um novo modelo de Igreja:

É certo que já se inseriram no ministério da palavra e da comunhão. No entanto, na maioria das vezes, não utilizam desse espaço de poder para apresentar um novo modo de ser Igreja. Às vezes, ou optam por ou são induzidas a reproduzir o modelo autoritário e hierárquico. O debate sobre o sacerdócio feminino ainda passa ao largo da estrutura eclesial. A invisibilidade da mulher na hierarquia da Igreja é explícita. Ainda está sem voz e sem vez na disposição hierárquica constituída. (2013, p. 29)

Nesta linha, Caro (2003) afirma que a iniciativa de mulheres como representantes da Igreja não deve vir, portanto, das autoridades, mas das próprias mulheres:

É preciso dizer que o pleno resgate do papel da mulher na Igreja não virá a partir da iniciativa das autoridades da Igreja. Antes, é a própria mulher que deve ser protagonista de uma mudança de mentalidade a respeito dela mesma: sentir-se “sujeito” da comunidade eclesial. A mulher tem que se valorizar, confiar nas outras mulheres, aceitar a palavra dita por elas e colaborar nas decisões que algumas delas vierem a tomar. É a mulher que deve se sentir responsável pela missão confiada por Jesus a todos: homens e mulheres. (2003, pg. 896)

Por essas questões, se faz importante o debate travado a respeito da participação feminina nas lideranças de igrejas protestantes. Este trabalho busca entender, representar e analisar as ideias e ideais que regem a vida e ministério das mulheres entrevistadas. Buscando identificar as principais dificuldades para chegar até a liderança e pastorado, se há dificuldades durante a execução desse ministério e como a imagem de uma mulher como líder ou pastora afeta a percepção das demais mulheres de uma Igreja.

2.1 História do Cristianismo

A fé e a história do cristianismo se baseiam na vinda de Jesus Cristo. Apesar de não se ter clareza em relação ao nascimento do que era considerado o Messias, o ano presumido foi considerado como o primeiro na cronologia atualmente adotada no mundo. Foi por volta dos anos 600 d.C. que o monge Dionísio, o Pequeno, estabeleceu a data de nascimento do que era o messias para os cristãos, em 25 de dezembro de 753 da fundação de Roma.

Nascido em Belém, na Judeia, Jesus pertencia a uma família humilde e, com cerca de 30 anos, iniciou o seu ministério, estreitou seus laços com questões políticas e religiosas e começou a atrair seguidores.

Entendido como líder por quem o seguia, Jesus Cristo foi considerado perigoso pelas autoridades, tanto judias - pois ele representou uma quebra na tradição, questionando a forma como os judeus viviam - quanto romanas - pois ele ameaçava o governo e autoridade de Roma, questionando os poderes religiosos que então sustentavam os reinados (fariseus e saduceus). Já na idade adulta, o líder nascido em Belém, foi condenado à morte por crucificação - castigo que era aplicado a estrangeiros e tinha como intenção transmitir uma advertência ao povo.

Depois da morte de Jesus Cristo, uma das figuras mais importantes na história do cristianismo primitivo foi o apóstolo Paulo, responsável por grande parte das cartas e escritos do Novo Testamento. Paulo nasceu, provavelmente, nos primeiros anos do século I e era cidadão romano. Antes de se converter ao cristianismo, Paulo foi um grande perseguidor dos cristãos e inimigo da igreja. Porém, após, segundo a Bíblia, ter o seu “encontro com Cristo”, o apóstolo se tornou um missionário - viajava a fim de pregar a palavra de Jesus, sendo responsável, assim, por grande parte da propagação do cristianismo em seus primórdios.

Durant (1970) cita o fundamento do cristianismo primitivo como sendo a fé na missão de Jesus, a ressurreição corporal do Cristo e a volta dEle após a sua ressurreição. A chamada “época apostólica” do cristianismo, acaba com o fim da primeira geração de cristãos - a qual pertenciam Paulo e os demais apóstolos. Essa época dá-se como concluída em meados do ano 70, marcada pela destruição do templo de Jerusalém - o principal templo de culto dos judeus da época, que significava esperança, fortaleza e orgulho e era o centro da devoção religiosa em Jerusalém (SILVA, 2014, p. 33).

O período denominado de “cristianismo primitivo”, apesar de suas discussões teológicas e históricas, pode ser compreendido entre a morte de Jesus, no ano 33, até a chamada “conversão de Constantino”, entre os anos de 306 e 337. Dowley (2009), entretanto, afirma que no final do século I (100 d.C.), a religião já estaria disseminada ao redor do Mediterrâneo e na Ásia Menor, sendo encontrada em todas as províncias romanas.

Do fim do século I até o início do século IV, a religião cristã sofreu diversas perseguições por motivos políticos, econômicos e sociais, quando foi proibida e criminalizada pelo Império Romano. Essa perseguição durou até 313, quando a religião foi legalizada no reinado de Constantino e, posteriormente, foi oficializada como a religião do Império, no reinado de Teodósio, em 390.

Podemos analisar a história da Igreja Católica através dos Concílios - reuniões formais de representantes da Igreja para tomar decisões a respeito dos dogmas e verdades da fé. A Igreja reconhece 21 Concílios Gerais, mais o Concílio de Jerusalém, descrito no livro de Atos dos Apóstolos, na Bíblia Sagrada.

Para Alderi de Souza Matos (2012), a “idade de ouro” das assembleias cristãs ocorreu nos séculos quarto e quinto, quando aconteceram os Concílios de Niceia, em 325, de Constantinopla, em 381, de Éfeso, em 431 e Calcedônia, em 451. Nesses encontros foram determinados alguns pontos centrais da fé cristã, como o entendimento da Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo), e das naturezas divina e humana de Jesus Cristo. Houve ainda, no período antigo, o 2º e o 3º Concílio de Constantinopla, em 553 e 680 e 681, e o 2º de Niceia, em 787.

Na Idade Média também foram realizados Concílios. De acordo com Alderi Souza de Matos, em seu artigo “De Niceia ao Vaticano II: breve panorama dos concílios ecumênicos”, na Revista *Ultimato*, ed. 339, ano 2012:

Na Idade Média houve uma extensa série de concílios especificamente católicos romanos, em número de onze, começando com o 4º de Constantinopla (869–70), os quatro de Latrão (1123, 1139, 1179, 1215), os dois de Lião (1245, 1274) e o de Vienne (1311–1312), voltados tanto para matérias práticas e dogmáticas quanto para a condenação de diferentes heresias. De particular interesse são os concílios do início do século 15, numa época de forte crise do papado. Eles fizeram parte de um movimento conhecido como “conciliarismo”, segundo o qual a autoridade suprema em matéria de fé e de moral estava na igreja como um todo e devia ser exercida por meio de concílios gerais. Esses concílios reformadores foram os de Pisa (1409), Constança (1414–1418), Basileia (1431–1449) e Ferrara–Florença (1438–1445), ao fim dos quais se verificou a reafirmação da supremacia papal.

Segundo Grudem (1999, p. 738), a primeira divisão expressiva na Igreja aconteceu em 1054, que ficou conhecido como “O Grande Cisma do Oriente”. Esse cisma é resultante do distanciamento entre as práticas cristãs das duas correntes do catolicismo, além das disputas econômicas e políticas da região mediterrânea, e

resultou na divisão entre Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Ortodoxa.

Já no período moderno, foi realizado o 5º Concílio de Latrão, considerado menos expressivo e, então, o Concílio de Trento, também chamado Concílio Tridentino:

No caso do concílio tridentino, seu estudo é deveras importante na compreensão daquela ocasião histórica, das lutas de poder nacional, do contexto emblemático de reforma e contrarreforma, que marcou de forma indelével o século XVI, sacudindo sobremaneira toda Europa, da fisionomia da Igreja no alvorecer da idade moderna, da conjuntura política entrementes, etc. [...] Um verdadeiro marco da idade moderna que reverberou por todo orbe. (MARQUES DA SILVA, 2015, p. 132)

Este Concílio foi formado 28 anos depois do rompimento de Lutero com Roma e foi realizado em 25 sessões, de 1545 a 1563. O seu propósito era combater a Reforma Protestante, pontuando dogmas e doutrinas da Igreja Católica. Após isso, a religião cristã ficou dividida entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Protestante.

O cristianismo ainda é a maior religião do mundo, contando com cerca de 2,3 bilhões de adeptos, segundo o instituto de pesquisas Pew Research Center, em pesquisa feita no ano de 2017. Esse percentual de fiéis é dividido em três ramos principais: católicos (com 51,4% dos fiéis), protestantes (36%) e ortodoxos (12,6%). Segundo dados do Censo do IBGE, em 2010, cerca de 87% da população brasileira era cristã.

2.2 Reforma Protestante

Os primeiros vislumbres da Reforma Protestante puderam ser observados nos séculos 14 e 15 com movimentos que protestavam contra ensinamentos e práticas da Igreja Católica. João Wycliff foi um sacerdote responsável por encabeçar um destes movimentos que atacou algumas irregularidades do clero e alguns dogmas da Igreja. Nas palavras de Alderi de Souza Matos (2011, p. 3):

Wycliff atacou as irregularidades do clero, as superstições (reliquias, peregrinações, veneração dos santos), bem como a transubstanciação, o purgatório, as indulgências, o celibato clerical e as pretensões papais. Seus seguidores, conhecidos como os lolardos, tinham a Bíblia como norma de fé que todos devem ler e interpretar.

Outros nomes responsáveis por revoltas mais pontuais são Jan Huss que acreditava que o “cabeça da Igreja” era Cristo e não o Papa, e pregava uma vida regida pelos ensinamentos de Jesus e não pelos sacramentos. Huss foi condenado à fogueira pelo Concílio de Constança. Além deles, também existiu um frade dominicano, chamado Jerônimo Savonarola, que pregava contra a imoralidade na sociedade, na Igreja e no Papado. Savonarola foi excomungado e enforcado por causa de suas ideias.

O contexto social que envolveu a Reforma Protestante no século XVI foi marcado por transformações históricas, sociais e culturais. Alguns historiadores afirmam que a Reforma Protestante marcou o final da Idade Média e prenunciou o Iluminismo. Alguns dos pontos que podem ser ressaltados em relação ao contexto histórico é o sistema feudal, que começava a ser contestado pelos mercadores, e a discussão a respeito da separação entre Igreja e Estado, que começou a ser colocada pelas elites, pois, a Igreja condenava a acumulação de riquezas, enquanto era mais agradável aos burgueses uma cultura de obtenção de lucros.

Começavam também a surgir os chamados Estados Nacionais, nos quais o poder local seria independente e estaria desvinculado da submissão à Igreja - ou seja, tiraria o poder do Papa. Com a formação desses Estados, as Igrejas Nacionais foram fortalecidas, acabando aos poucos com o poder centralizado que existia em Roma.

Martinho Lutero, protagonista da Reforma Protestante, nasceu na Alemanha, na cidade de Eisleben. Filho dos camponeses Margarete Ziegler e Hans Luther, com 18 anos matriculou-se na Universidade de Erfurt, graduou-se em 1502, e em 1505 recebeu o título de mestre em filosofia. Iniciando no sacerdócio, Lutero entrou, em 17 de julho de 1505, no convento dos monges agostinianos em Erfurt e em 1507 foi consagrado como padre.

Em 1508, com 25 anos, Lutero vai para a Universidade de Wittenberg, iniciando suas atividades como professor de Filosofia e, mais tarde, Teologia, onde deu aulas de exegese. Em outubro de 1512, recebeu o seu título de doutor em Teologia.

O episódio principal da Reforma Protestante se dá em 31 de outubro de 1517, quando Martinho Lutero faz um protesto público e escrito, na igreja de Wittenberg, quando publicou 95 teses que criticavam dogmas e diretrizes da Igreja Católica.

O Papa intimou Lutero a apresentar-se em Roma após o protesto, o qual não obedeceu, e aceitou apenas ser interrogado pelo Cardeal Cajetano, em Augsburg. Os primeiros escritos teológicos de Lutero começaram a ser escritos em 1520. A Universidade na qual Lutero ensinava recebeu a “Bula de Excomunhão”, que foi queimada publicamente por Lutero - considerado outro protesto.

Os protestos foram transformados em pauta na Dieta de Worms, em 1521, e, por não se retratar com o Império, Lutero poderia ser preso ou morto, o que não aconteceu devido à proteção que tinha por Frederico, o Sábio.

As ideias de Lutero passaram a se difundir em diversas partes da Europa, e surgiram igrejas nacionais luteranas na Suécia, Dinamarca, Noruega e Islândia, entre os anos de 1527 e 1554 (Matos, 2011), que defendiam as convicções e práticas identificadas pelo protestantismo, também conhecidas como as cinco solas: sola Scriptura (somente as Escrituras), solo Christo (somente Cristo), sola gratia (somente a Graça), sola fides (somente a fé) e soli Deo gloria (glória somente a Deus).

No Brasil, os ideais do protestantismo têm como pano de fundo “a fuga da família real portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro” (Pereira da Rosa, 2017, p. 180). Em 1810, com o tratado de livre comércio, estabelece-se também a liberdade religiosa, com abertura para a profissão de outras crenças que não a católica.

Nos séculos 16 e 17 a França e a Holanda invadiram o Brasil, com muitos de seus invasores sendo protestantes (Matos, 2011, p. 4).

Em 1555, Nicolas Durand de Villegaignon chega ao Brasil com sua expedição, e, inicialmente simpático à Reforma, pede a João Calvino que envie pastores e colonos evangélicos para a colônia no Brasil. Em 1557 chega em terras brasileiras um grupo liderado pelos pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier, que, no mesmo ano, em 10 de março, realizam o primeiro culto protestante da história das Américas.

2.3 Subdivisões do Protestantismo no Brasil

Segundo Grudem (1999, pg. 738), a Reforma do século XVI separou a igreja ocidental nas correntes católica e protestante e, nos séculos que sucederam a Reforma, o protestantismo dividiu-se em grupos menores, os quais discutiremos

nesta seção. Entretanto, segundo Carl Joseph Hahn (2018, p.19), o Brasil só pôde sentir os impactos da Reforma Protestante cerca de três séculos após o seu acontecimento.

A divisão do protestantismo começou já nos primeiros anos após a Reforma e, segundo Rute Salviano Almeida (2014), no Brasil, ele pode ser dividido em duas correntes, o protestantismo de imigração, ao qual pertencem o Anglicanismo Luteranismo, e o protestantismo de missão, que foi “iniciado posteriormente por atividades missionárias de diversas denominações protestantes dos Estados Unidos da América do Norte” (ALMEIDA, 2014, p. 160), ao qual pertence as correntes Congregacional, Presbiteriana, Metodista e Batista. A autora comenta:

As denominações protestantes originaram-se na Reforma religiosa do século XVI. Algumas igrejas são conhecidas pelos nomes de seus fundadores: como luterana, de Lutero, e menonita, de Meno Simons. Outras têm seus nomes por sua convicção doutrinária: como batista e pentecostal. Outras recebem seus nomes pela forma de governo: como episcopal, congregacional e presbiteriana. E ainda há a metodista, chamada assim por seu método e organização.

A primeira vez que anglicanismo esteve presente em território brasileiro foi em 1810, em forma de capelania religiosa. A primeira capela, Christ Church, foi inaugurada em 1819, no Rio de Janeiro, onde existe até os dias atuais e o primeiro templo protestante, inaugurado em 23 de maio de 1822. Em 2009, uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas estimou que os anglicanos representavam 0,01% da população brasileira, com cerca de 9.400 membros.

Sobre os Anglicanos, Calvani (2005, p. 38) escreve:

Desde o século XVI, o anglicanismo tenta se equilibrar entre o peso de tradições pré-reformadas (sobretudo na liturgia) e a influência de grupos protestantes às vezes bastante radicais. Essa atitude receberá mais tarde a designação de “via média”, expressão através da qual se busca a identidade do anglicanismo num meio-termo entre o catolicismo romano e o protestantismo clássico.

Sobre a história dos Luteranos, Pereira da Rosa (2017, p. 183) escreve:

Chegou ao Brasil em 1824 o primeiro grupo de alemães, que se abrigou numa colônia suíça fundada em 1820 em Nova Friburgo, por iniciativa de d. João VI. Esse grupo veio acompanhado de seu pastor, Friedrich Oswald Sauerbronn (1784-1864), e ali fundou a primeira comunidade luterana do Brasil.

Na chegada ao Brasil, luteranos e anglicanos praticavam seus cultos em sua língua mãe, com o intento de permanecerem ligados às suas raízes. Diferente dos protestantes de missão, luteranos e anglicanos optaram por se firmar junto aos seus conterrâneos europeus. Segundo dados da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, em 2017 existiam, no país, 533 paróquias, 849 pastores e 243.520 membros.

Fruto do movimento separatista – que se separou da Igreja da Inglaterra por acreditar que esta cometia abusos e não era baseada inteiramente na Bíblia-, a Igreja Congregacional surgiu em 1580, na Inglaterra. O responsável por trazer o movimento ao Brasil foi dr. Robert Kalley, que, segundo Porto Filho (1982, p. 19), criou, em 1858, a Igreja Evangélica Fluminense e, em 1873, a Igreja Evangélica Pernambucana. Atualmente a Igreja Congregacional possui 46 paróquias no país, nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Amazonas.

Os presbiterianos possuem esse nome por sua igreja ser governada por um conselho de presbíteros. Foi fundada, no Brasil, 12 de janeiro de 1862, por Ashbel Green Simonton, pastor missionário enviado pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. Reily (1984) destaca a importância que a Igreja teve no movimento missionário brasileiro, pois, além de organizar a Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro 1862, fundou o primeiro jornal evangélico no Brasil, chamado *Imprensa Evangélica*, em 5 de novembro de 1864, organizou o primeiro presbitério do Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1865 e fundou o primeiro seminário teológico, também no Rio de Janeiro, em 14 de maio de 1867.

Em 31 de julho de 1903, foi fundada a Igreja Presbiteriana Independente, que surgiu fruto de uma cisão na denominação sobre questões eclesiais. Segundo o Projeto da Comissão Presbiteriana Unida do Centenário – São Paulo (1959, p. 12), o líder da discordância foi o reverendo Eduardo Carlos Pereira que, junto com sete pastores e nove ministros, retiraram-se da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro e criaram uma nova Igreja.

O movimento Metodista iniciou-se na Inglaterra, em meados de 1739, por João e Carlos Wesley. Entretanto, apesar de ser um movimento “a parte”, Reily (1984) afirma que o seu fundador, John Wesley, nunca se separou da Igreja Anglicana. Almeida (2014, p. 169) diz que:

O nome metodista foi usado, a princípio, como apelido dado pelos universitários ao pequeno grupo de Wesley, devido à sua insistência sobre as virtudes do método. Eles faziam tudo com método e ordem: tinham hora certa para a oração, o estudo bíblico, a comunhão semanal, a visitação aos doentes, necessitados e encarcerados.

No Brasil, os metodistas chegaram em 1835, quando o Reverendo Fountain E. Pitts veio ao Brasil investigar as condições existentes para o estabelecimento do trabalho missionário e lançou os fundamentos do metodismo no Brasil, no Uruguai e na Argentina. A Igreja Metodista, no entanto, foi organizada apenas em 1867, em Santa Bárbara, São Paulo, chamada de Igreja Metodista Episcopal do Sul, fundada pelo reverendo Junius E. Newman, considerado, hoje, o fundador do metodismo permanente no Brasil (LONG, 1968, p. 25-26). Segundo relatório da Igreja Metodista, em 2011 existiam 214715 membros nas igrejas do segmento em todo o país.

Por fim, os Batistas, originados também da Igreja Anglicana, se separaram para acabar com os elementos da igreja romana de suas correntes. A sua marca encontra-se em seu próprio nome “Batista”, que vem de “aquele que batiza”, pois realiza o batismo por imersão.

Rute Salviano (2014) afirma que “o primeiro missionário batista no Brasil foi Thomas Jefferson Bowen”, porém, foi somente após a Guerra de Secessão (EUA – 1865) quando vários imigrantes se estabeleceram no Brasil, que a primeira igreja Batista foi fixada em território brasileiro. Sob a liderança de Richard Ratcliff, foi criada a Primeira Igreja Batista Missionária Norte-Americana do Brasil, em 12 de outubro de 1872.

Segundo dados da Convenção Batista Brasileira, existem 8753 igrejas, 4.944 Congregações e 1.706.003 fiéis no Brasil neste segmento e, no segmento das Igrejas Batistas Nacionais, existem cerca de 2.700 igrejas com mais de 400 mil membros.

2.4 Mulheres no Protestantismo

Segundo o Censo de 2010 do IBGE, no Brasil, 51,03% dos fiéis dentro das igrejas cristãs são mulheres. Apesar disso, existem diversas discussões a respeito da possibilidade das mulheres exercerem cargos pastorais.

Em questionário realizado virtualmente por mim, a respeito da percepção das mulheres sobre as lideranças nas igrejas protestantes, obtive alguns resultados que aqui serão compartilhados.

O questionário ficou aberto para respostas durante 15 dias (de 01 de junho de 2018 a 15 de junho de 2018), através da plataforma Google Forms. A divulgação foi feita por redes sociais como Facebook, Whatsapp e Twitter, para mulheres cristãs no geral e também em grupos específicos de mulheres protestantes. Foram obtidas 130 respostas, de mulheres de diversas regiões do país, que participam de diferentes denominações protestantes. Dessas, foram consideradas apenas 116 respostas, de acordo com o perfil selecionado: mulheres que se consideram cristãs protestantes e que participam de alguma igreja neste segmento.

As três primeiras perguntas eram de múltipla escolha e diziam respeito ao sexo (feminino ou masculino), à idade (as múltiplas escolhas seguiram a linha utilizada pelas pesquisas do IBGE) e ao estado de residência.

Na segunda seção, foram realizadas perguntas para delimitar o perfil. A primeira, “Você se considera cristã protestante?”, tinha duas alternativas – sim e não – e a segunda “Você congrega em alguma igreja cristã protestante?”, com as mesmas alternativas, foram determinantes para os resultados que serão apresentados.

A pergunta “Você já pensou na possibilidade de se tornar pastora?”, 66% das entrevistadas responderam que “Não”, e 33% responderam afirmativamente à pergunta. Já a pergunta “Na sua igreja há pastoras mulheres?”, obteve um resultado parecido: 66% das entrevistadas responderam que “Não”, e 34% responderam que “Sim”.

Na pergunta “Na sua igreja há líderes mulheres?”, as respostas foram 100% afirmativas. E, em relação aos ministérios liderados por essas mulheres, em pergunta de múltipla escolha, onde poderiam ser acrescentadas novas opções, foi apontado que o maior índice de liderança feminina está nos Ministérios de Mulheres, com 26% das líderes, seguido pelo Ministério de Crianças, com 25%, em terceiro lugar, o Ministério de Intercessão, com 19%, Ministério de Jovens e Adolescentes, com 15%, Ministério de Finanças, com 6%, Dança e Louvor, ambos com 2% e “Outros”, com 5%, onde foram contabilizados todos os ministérios citados que receberam menos de 5 votos cada (Tesouraria, Missões, Ensino, Conselho,

Capelania, Adultos solteiros, Acolhimento, Comunicação, Evangelismo, Teatro, Assistência social e Casais).

Em relação ao caminho percorrido para chegar à liderança, 59% das entrevistadas afirmaram que acha que é mais difícil para as mulheres, 40% acreditam não existir diferença e 1% que é mais difícil para os homens.

Sobre o pastorado feminino, na pergunta “A sua igreja permite que mulheres sejam pastoras?”, 39% das mulheres afirmou que a igreja em que congrega não permite que mulheres sejam pastoras, 31% afirmou que a igreja permite que mulheres sejam pastoras apenas se forem casadas e 30% afirmou que a igreja permite que mulheres sejam pastoras, independentemente do estado civil. Em relação à opinião pessoal a respeito desse assunto, na pergunta “Você concorda com a ordenação feminina?”, 75% afirmou que concorda que mulheres sejam pastoras, independente do estado civil, 22% concorda, apenas se forem casadas e 3% não concordam.

Para a pergunta “Você sente falta da presença feminina dentro dos ministérios e púlpitos?”, 61% das respostas foram afirmativas, 24% negativas e 15% marcadas como “Indiferente”.

Por fim, foram realizadas três perguntas abertas e opcionais, em relação à ordenação feminina, ao ser mulher dentro da igreja e às oportunidades para ser líderes ou pastoras dentro da igreja. Algumas das respostas serão colocadas abaixo.

Na primeira pergunta aberta, “Por que você concorda ou discorda da ordenação feminina?”, as respostas foram diversas: “Tenho um certo receio, mas não sou contra”, “[Concordo] Pois mulheres têm a mesma capacidade que homens, [mas] não têm espaço na minha igreja”, “Concordo, desde que a mulher esteja bem com ela mesmo, pois é um cargo que exige muito tempo e dedicação e para mulheres as vezes mais difícil por ter filhos marido e casa para cuidar. Mas creio que mulheres são tão iguais capazes assim como homens”, “[Discordo], Porque acredito que o sacerdócio é papel do homem (tanto na igreja como no lar), e creio que isso não significa que a mulher não é capaz, ou que é inferior, mas que apenas exercemos papéis diferentes”.

Já na pergunta aberta “Você acha que faltam oportunidades ou incentivo para que mulheres se tornem líderes ou pastoras?”, algumas das respostas foram: “Não para ser líder, mas pastora sim”, “Dentro da minha igreja não temos mulheres

pastoras, mas líderes. Quanto a incentivo, talvez.”, Acho que a dificuldade está mais em quebrar tradições do que falta de incentivo”, As mulheres são criadas e incentivadas a se submeterem a ter uma voz passiva diante o que acontece na igreja. Mesmo que desejem se posicionar devem esperar uma voz masculina para as representarem”, Não sinto que falte, pois a maioria das mulheres que são casadas com pastor, seguem o mesmo caminho de ordenação”.

Fica visível, dessa forma, como, apesar de grande parte das igrejas serem formadas por mulheres, ainda é pouco o espaço por elas alcançado em lideranças ou pastorado. Apesar de não existirem dados concretos a respeito dessas lideranças dentro da igreja, este fato é facilmente percebido pelas fieis.

3 METODOLOGIA

3.1 Documentário

A escolha do webdocumentário se deu com a proposta de aproximar o público e gerar uma relação de empatia com as personagens, gerando emoção com o consumidor do conteúdo. Não se trata de um conteúdo ficcional, pois trabalha com personagens reais e, tudo o que for dito e colocado no documentário, será de acordo com a vivência de cada personagem.

Para o jornalista Walter Sampaio, o documentário pode ser considerado um estágio evolutivo do telejornalismo (1971. p.100), já para o jornalista Thiago Altafini (1999), o documentário:

Geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural (...) permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (1999, p. 1)

De acordo com as classificações de documentário, realizadas por Nichols (2005, p. 147), o documentário presente será “observativo”, visto que não há presença do cineasta, nem narrações externas ou interrupções. Este estilo foi escolhido de modo a priorizar a fala das entrevistadas, dando unicamente a elas o protagonismo.

Com a chegada da internet, o documentário teve o seu leque de possibilidades aberto. O termo webdocumentário foi usado pela primeira vez no festival Cinema du Réel, em 2002 (LIETAERT, 2011, p. 19) e, para Rezende e Tavares:

O gênero apresenta uma multiplicidade de perspectivas na medida em que habita um local híbrido, decorrente do que podemos chamar “suporte”, ou seja, sua relação com a Internet, e também pelo próprio percurso do documentário que é marcado por uma trajetória atravessada por uma bifurcação clássica: o cinema e o jornalismo. (2016, p.9)

Para Bernardes (2015, p. 10), webdocumentários são obras que tratam do mundo histórico e são projetadas para distribuição e fruição na World Wide Web. É fato que a internet mudou as formas de consumo e produção de conteúdo. Um dos

objetivos de ser realizado um webdocumentário neste trabalho, foi o alcance possibilitado pela internet.

Segundo pesquisa do *State of Video Marketing, 2017*, 1,5 hora é o tempo médio assistido pelos usuários diariamente; 15% dos usuários assistem a mais de três horas de vídeo diariamente e 85% dos usuários gostariam de assistir mais vídeos em 2018. E, ainda, uma pesquisa realizada pelo WorldStream constatou que vídeos compartilhados em redes sociais geram 1200% mais compartilhamentos do que imagens e textos combinados.

Dessa forma, a veiculação do webdocumentário por sites como Youtube ou Facebook tende a gerar mais alcance e audiência, chegando aos mais diversos públicos, diferente de um documentário tradicional.

3.2 Procedimentos para a realização do produto

O mapeamento das entrevistadas foi realizado através de indicações e pesquisas por sites como Google (através de busca por igrejas protestantes na cidade de Curitiba) e também pelo Facebook, pela busca através de posts de indicação, fanpages de igrejas e grupos que unam mulheres pastoras e líderes. Após isso, escolhi três personagens de igrejas com denominações diferentes para serem entrevistadas. A seleção foi embasada na denominação das igrejas (deveria estar, necessariamente, entre uma das igrejas históricas, descritas na seção 2.3 Subdivisões do Protestantismo no Brasil) e também de acordo com a aceitação e disponibilidade das entrevistadas.

A websérie foi dividida em três episódios, com duração de 5 minutos cada, e cada vídeo falou de apenas uma personagem, sem a participação da entrevistadora durante os vídeos. Os vídeos foram editados de forma a contar a história e trajetória de ministério de cada entrevistada – questões sobre como se inseriram no meio cristão, a história de fé, como chegaram à igreja, como decidiram se tornar líderes ou pastoras, a trajetória até estes cargos, como percebem o papel da liderança feminina nesses locais e se percebem ou sentem algum tipo de preconceito, se acham que, de fato, há poucas mulheres, e se o fato de existirem mulheres ocupando cargos de liderança influencia em algo no andamento das comunidades.

Para as gravações, foi feito um roteiro com questões semi estruturadas, descritas no tópico abaixo, iguais para todas as entrevistadas, mas que tiverem

questões acrescentadas, retiradas ou alteradas, a depender do caminhar da entrevista.

As entrevistas foram realizadas nos locais de trabalho das pastoras, cada uma em sua respectiva igreja, para que pudessem se sentir confortáveis e seguras ao falar sobre o seu ministério. Também foram gravadas imagens das mulheres exercendo suas atividades no ministério.

3.3 A execução da websérie

A ideia inicial para este trabalho era realizar entrevistas com seis mulheres que exercessem cargos de lideranças nas igrejas protestantes históricas, delimitadas no item 2.3 Subdivisões do Protestantismo no Brasil, referenciadas por Rute Salviano Almeida como: Anglicanismo, Luteranismo, Congregacional, Presbiteriana, Metodista e Batista. A escolha de entrevistar personagens apenas das igrejas históricas, se deu em conjunto com a orientadora deste trabalho, com base na presença de mulheres na Igreja. Por vezes, igrejas pentecostais e mais atuais como Quadrangular e Assembléia de Deus, por exemplo, possuem mais abertura para a presença de mulheres em cargos de liderança. Para facilitar a delimitação, portanto, optamos por embasar-nos nos conceitos de igrejas históricas citados acima.

Prevíamos realizar a produção de seis vídeos, com duração de três minutos cada um, mas, devido à dificuldade em encontrar lideranças das igrejas históricas, optamos por diminuir a quantidade de entrevistadas e aumentar a duração dos vídeos, totalizando, no final, três vídeos com cinco minutos de duração cada um deles.

As pastoras entrevistadas foram, respectivamente, Evelyne R. Goebel, da Igreja Luterana, Priscila R. Madeira, da Igreja Presbiteriana e Terezinha Meirelles, da Igreja Batista. Na Igreja Anglicana, foram localizadas duas Reverendas no estado do Paraná, mas nenhuma na cidade de Curitiba. Nas Igrejas Congregacionais em Curitiba, através de contato via Facebook, fui informada de que não havia pastoras.

Para o processo de produção, optei por gravar todas as entrevistas em suas respectivas igrejas, para que pudesse ilustrar o ambiente do qual falávamos. As entrevistas foram realizadas com um pré-roteiro, que possuía as seguintes questões:

1. Há quanto tempo você é pastora?
2. Qual foi o processo para você chegar a este cargo?
3. Como decidiu que queria se tornar pastora? Como aconteceu o seu chamado?
4. Como foi a aceitação de sua família e amigos em relação a essa decisão?
5. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher e exercer esse cargo na igreja?
6. Você acredita que é mais difícil para as mulheres chegarem aos cargos de liderança?
7. Quais as vantagens de uma igreja ter pastoras mulheres?
8. Você acredita que as fiéis conseguem ter mais abertura ou mais identificação com pastoras?
9. Quais são as principais barreiras para quem quer exercer o pastorado?
10. Na primeira carta de Paulo aos Coríntios (c.14 v.34), a mulher é proibida de falar na Igreja. Como você entende essa passagem?
11. Para vocês, quais são os requisitos para que uma mulher se torne pastora?

As perguntas nem sempre foram realizadas na ordem apresentadas no questionário acima e, no decorrer das entrevistas, as perguntas eram modificadas e novas perguntas surgiam.

Além das entrevistas, foram gravadas cenas das mulheres em suas funções - nos púlpitos, em pregações - que foram utilizadas para ilustração dos webdocumentários.

Das três entrevistadas, duas eram da cidade de Curitiba e uma da cidade de Antonina, também no Paraná.

3.4 Equipamentos utilizados

Os equipamentos utilizados para a realização das entrevistas, foram: uma câmera Nikon D3200 para a captação das imagens, um gravador Panasonic e um celular Samsung J7 para a captação de áudio e um tripé.

3.5 Edição

Para a edição dos webdocumentários procurei seguir um padrão, pois, visto que será uma série, era necessário algo que os ligasse e que mostrasse para o consumidor do conteúdo que estavam interligados.

O processo de edição começou com os cortes e realocações das falas, para criar um sentido na narrativa. Visto que cada entrevista teve, em média, 35 minutos, foram realizados cortes para que cada vídeo ficasse com cinco minutos de duração.

Este processo foi bastante difícil, pois as três entrevistas apresentaram um conteúdo um tanto quanto rico e útil para o trabalho, e nesse momento aplicou-se a parte prática aprendida na faculdade, hierarquizando informações.

Com os vídeos pré-editados, criei uma vinheta com duração de 10 segundos para criar o padrão citado acima. Além disso, padronizei o início de todos os vídeos com casos contados pelas entrevistadas sobre preconceitos que sofreram por serem pastoras. Ilustrados com imagens preto e branco, e seguidas da vinheta, os três vídeos seguiram um padrão, caracterizando, assim, a série.

Para a edição, foi utilizado o programa Sony Vegas, o programa Audacity para melhorias no áudio, e o programa Adobe Photoshop para criar os GCs e a vinheta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito de tudo o que aprendi com este trabalho, faço algumas considerações nos âmbitos pessoais e profissionais.

Alguns fatores nas entrevistas me chamaram bastante a atenção quanto ao tema. Um dos argumentos que ouvi antes de realizar o TCC e que também estiveram presentes na pesquisa realizada por mim para ilustrar os dados, é o de que “uma mulher só pode ser pastora caso o seu marido seja pastor, pois ela não poderá ser líder sobre quem é o cabeça do lar” (fazendo referência ao versículo encontrado em 1 Coríntios 11:3). Entretanto, as três entrevistadas se mostraram uma exceção a este respeito: Evelyne e Priscila não são casadas com pastores e Terezinha, apesar de ser casada com um pastor, foi ordenada antes do seu marido e exerce o cargo de Pastora Titular, enquanto ele exerce o cargo de Pastor Auxiliar.

Outro ponto bastante interessante foi que duas delas, Priscila e Terezinha, citaram o fato de que, muitas vezes, sentem mais resistência em relação às próprias mulheres de dentro da igreja, do que dos homens.

As três entrevistadas citaram o texto de Paulo em I Coríntios 14:34 (“Permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei.” - NVI), como um texto a ser contextualizado. Apesar de crerem na verdade da palavra de Deus, todas afirmaram que o texto precisa ser analisado de acordo com a sua época.

Também foi unânime a fala a respeito da relação de Jesus com as mulheres, todas afirmaram a liberdade que Jesus concedeu às mulheres da época, quebrando estereótipos e dando voz a todas.

A intenção deste produto é ser continuado após o Trabalho de Conclusão de Curso. Acredito ser um tema de bastante relevância para as mulheres cristãs, e o meu propósito é fazer com que mais pastoras tenham seus trabalhos conhecidos, incentivando outras mulheres a tomarem esses espaços.

Uma das maiores dificuldades a respeito da parte jornalística, foi o trabalho de edição dos vídeos. As três entrevistas realizadas eram muito ricas em seus conteúdos, e foram finalizadas com cerca de 40 minutos cada uma. O processo de hierarquização da informação que precisou ser feito foi extremamente trabalhoso, visto que precisei transformar os 40 minutos em vídeos de cinco minutos cada um.

Acredito, por fim, que o objetivo deste trabalho foi alcançado, pois consegui produzir um material que deixou as mulheres no centro, falando de suas trajetórias e propósitos. Além de me fazer crescer como jornalista, porque sinto que consegui sintetizar e aplicar muitos dos conhecimentos aprendidos durante o tempo de curso nesta websérie, foi um marco para a minha vida pessoal, pois pude aplicar em minha profissão aspectos da minha fé e também pude perceber como as mulheres têm avançado dentro das igrejas.

Este trabalho me fez lembrar os motivos pelos quais eu decidi entrar no curso de jornalismo: por gostar de contar histórias e querer transformar o mundo. Não posso garantir que vá transformar o mundo, mas me sentirei satisfeita caso este trabalho alcance mulheres que não enxergam em si a possibilidade do ministério pastoral, e caso consiga mudar algumas mentalidades a respeito desse tema.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rute Salviano. **Tiveram as mulheres alguma participação na Reforma Protestante?** Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/vozes-femininas-na-reforma>>. Acesso em: 29 nov. 2017.
- ALMEIDA, Rute Salviano. **VOZES FEMININAS NO INÍCIO DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO**. [S.l.]: Hagnos, 2014. 552 p.
- AMARAL, Lucas. **81 estatísticas de vídeo marketing que você precisa saber para 2018**. 2018. Disponível em: <https://marketingdeconteudo.com/estatisticas-de-video-marketing/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.
- BECKER, Elsbeth Léia Spode; BATISTA, Natália Lampert; FELTRIN, Tascieli. **Ensino de Humanidades: O Percorso Geográfico e Histórico da Reforma Protestante**. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S.l.], v. 04, n. 672, p. 1-19, fev. 2018.
- BOXER, C. R. **Os Holandeses no Brasil (1624-1654)**. São Paulo: Nacional, 1961.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. **Anglicanismo no Brasil**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p. 36-47, set. 2005. Disponível em: <<http://www.anglicandiocese.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Anglicanismo-no-Brasil.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- CARO, Olga Consuelo Velez. **A mulher em documentos eclesiais**. Revista Eclesiástica Brasileira, Brasil, p. 883-896. 2003.
- COMISSÃO PRESBITERIANA UNIDA DO CENTENÁRIO. **Presbiterianismo no Brasil, 1859-1959**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: InVerso, 2015.
- CRUZ, Maria Isabel da. **A Mulher na Igreja e na Política**. 1. ed. [S.l.]: Expressão Popular, 2013. 128 p.
- DOWLEY, Tim. **Os cristãos: Uma história ilustrada**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- DURANT, Will. **História da Civilização (3ª parte): César e Cristo**. [S.l.]: Record, 1971. 554 p.
- FILHO, Manoel Da Silveira Porto. **Congregacionalismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação Religiosa e Publicações - DERP, 1982. 88 p.
- FISCHER, ROSA MARIA BUENO. **Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.586-599. ISSN 0104-026X.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1080 p.

HAYES, Adam. **The State of Video Marketing 2017 [New Data]**. 2018. Disponível em: <<https://blog.hubspot.com/marketing/state-of-video-marketing>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MAGALHÃES, José Geraldo. **Igreja Metodista tem mais de 210 mil membros no Brasil**. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/igreja-metodista-tem-mais-de-210-mil-membros-no-brasil>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MATOS, Alderi Souza de. **De Niceia ao Vaticano II: breve panorama dos concílios ecumênicos**. Revista Ultimato, Minas Gerais, n. 339, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/339/de-niceia-ao-vaticano-ii-breve-panorama-dos-concilios-ecumenicos>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MATOS, Alderi Souza. **História do Protestantismo no Brasil: Breve História do Protestantismo no Brasil**. Disponível em: <<https://maniadehistoria.wordpress.com/historia-do-protestantismo-no-brasil/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2005. 272 p. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documentc3a1rio.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 2000. 468 p.

ROSA, Wanderley Pereira da. **Implantação do Protestantismo no Brasil: aspectos sociais e políticos – Parte I**. Reflexus, [S.l.], v. 11, n. 17. 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/26085>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ROSA, Wanderley Pereira da. **Por Uma Fé Encarnada: teologia social e política no protestantismo brasileiro**. 2015. 298 p. Tese (Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas)- PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/52838223-Por-uma-fe-encarnada-teologia-social-e-politica-no-protestantismo-brasileiro.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SILVA, Egivanildo Tavares da. **O fenômeno do terceiro templo judaico e os símbolos da esperança**. 2014. 151 p. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões)- Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2014.

SILVA, Jamerson Marques da. **Concílio de Trento: Uma trama de crises e decretos nos passos de uma Ecclesia Semper**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, [S.l.], v. 9, n. 16, p. 130-150, jul. 2015. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/article/view/26085>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. 2003. 73 p. Monografia (Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo)- Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional, São Paulo, 2003.